



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 2
abr-jun.2024
p. 156-169

Mundos em colisão e emergência de estigmas na pista festiva: notas de experiências numa maratona techno-junina¹

(Mundos en colisión y la emergencia de estigmas en la pista festiva: notas de experiencia en un maratón tecno-junina)

(Worlds in collision and the emergence of stigmas on the festive track: experience notes in a techno-junina marathon)

Daniel Macêdo²
Rafael Andrade³

RESUMO: Tomando o corpo como uma textualidade que se dá a ver no encontro com os outros a partir das performances e suas inscrições de raça, gênero, sexualidade, gestos, movimentos e figurinos, uma festa torna-se um fenômeno espaço-temporal potente para se observar as relações harmoniosas e desarmoniosas de partilha, pelas quais mundos de sentidos deveras singulares se tocam, acirram e festejam. Nesse sentido, a partir de uma experiência de um dos autores em uma festa tecno-junina, buscamos refletir neste texto sobre os diferentes corpos que se encontram no evento a partir da noção de estigma discutida por Goffman (2008).

PALAVRAS-CHAVE: festa; estigma; techno; corpo.

Abstract: Taking the body as a textuality that can be seen in the encounter with others through performances and their inscriptions of race, gender, sexuality, gestures, movements and costumes, a party becomes a powerful space-time phenomenon for observing the harmonious and disharmonious relationships of sharing through which worlds of truly unique meanings touch, ignite and celebrate. In this sense, based on the experience of one of the authors at a techno-junior party, we seek to reflect in this text on the different bodies that meet at the event from the point of view of the notion of stigma discussed by Goffman (2008).

Keywords: party; stigma; techno; body.

Resumen: Tomando el cuerpo como una textualidad que puede ser vista en el encuentro con otros a través de performances y sus inscripciones de raza, género, sexualidad, gestos, movimientos y disfraces, una fiesta se convierte en un poderoso fenómeno espacio-temporal para observar las relaciones armoniosas y desarmoniosas del compartir a través de las cuales mundos de significados verdaderamente únicos se tocan, encienden y celebran. En este sentido, a partir de la experiencia de uno de los autores en una fiesta tecno-junior, buscamos reflexionar en este texto sobre los diferentes cuerpos que se reúnen en el evento desde el punto de vista de la noción de estigma discutida por Goffman (2008).

Palabras clave: fiesta; estigma; tecno; cuerpo.

¹ A pesquisa que fundamenta esta publicação é apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, bolsista da CAPES e integrante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: narrativa e experiência. Email: daniel.3macedo@gmail.com

³ Doutora em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e integrante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: narrativa e experiência. Email: aos.rafael@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 22/08/2023
Aceito em 23/02/2024

Vivíamos junho de 2023 quando escrevemos este ensaio e, com ele, faziam-se tempos para celebrar tanto o mês do orgulho da diversidade sexual e de gênero, quanto as festas populares de tradição católica – as festas juninas. Naquele mês de junho, as padarias estavam adornadas com itens nas prateleiras que não figuram com tanto destaque em outros momentos do ano, como pamonha e canjica; e os mais diversos produtos de consumo travavam as cores do arco-íris em produções publicitárias pensadas exclusivamente para tal momento do ano. Distintos mundos de sentidos são acionados em dimensões simbólicas quando nos envolvemos com esses itens e, com eles, nos permitimos atos festivos que celebram o orgulho LGBTQIAPN⁴ e/ou os santos católicos Antônio, João e Pedro.

Essas proposições que nos confrontam como parte do imaginário atribuído a junho, menos que uma cerimônia rígida que a todas envolve, (des)nivelam relações no micro em que a agência das envolvidas conflui a emergência de festas singulares como aponta Rafael Andrade (Silva, 2023). Assim, ao nos encontrarmos com elementos que nos propõem sentidos para esse mês, atuamos em uma “dimensão festiva” em que as festas peculiares que embalamos insurgem contra a homogeneização das temporalidades e das experiências corporais, admitindo qualidades diferentes a esses compostos e deixando ver o mundo de sentidos que erguemos ao vivê-las.

É justo pensarmos tais festividades como marcadores culturais do tempo que, ao serem praticados por corpos em relações distintas com outros atores, afloram festas que coexistem de modos desarmônicos sem fixarem-se nas idealizações que as orientam, por um lado; e que, por outro, (re)posicionam experiências cotidianas em adesões e em recusas ao que esses mundos propõem permitindo a emergência de composições deveras singulares a um ambiente comum e partilhado.

Um ato festivo, como discute Rafael Andrade (Silva, 2023), demanda aberturas que valorizem o encontro corporal, espacial e temporal de agentes diversos que tensionam os significados ali urgentes. Pois, ainda que exista uma assinatura sonora, estética e social que confira certa identidade a um dado evento festivo, os perfis que aderem a convocatória realizam performances no encontro com as *sonoridades*, com as *espacialidades*, com as *temporalidades* e com outros *corpos* que engrenam elaborações que instabilizam a proposta inicial e que mobilizam a construção de sentidos atribuindo vida às festividades. Assim, as festas organizam elementos sensíveis tanto de coesão, quanto de estranhamento. Além disso, elas colocam em cena, a partir desse encontro festivo, diferentes corpos que agenciam diferentes inscrições poéticas e estéticas,

4 Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis./Transgênero/Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Agênero/ Arromânticos, Pansexuais/Polissexuais, Não binário e mais.



sejam da ordem do comum, quanto da violência.

Com as experiências encarnadas, dimensões não são monolíticas e assumem significados deveras particulares em razão dos repertórios acionados durante o encontro. Um corpo em relação com outros agentes elabora saberes imprevisíveis que afloram a pele em razão das sensibilidades urgentes ao viver algo, como argumenta Diana Taylor (2013) ao demarcar a instabilidade ao transitar por distintos mundos e ao conferir que marcações dos vividos misturam-se no corpo em proporções incalculáveis que são mobilizadas a partir das experiências que convocam determinados conhecimentos.

Uma dada festividade pode, assim, abrigar muitas festas elaboradas pelos/com os corpos ao movimentarem sentidos por distintas dimensões simbólicas: ainda que ocorra no mesmo espaço-tempo e que a música seja partilhada por todas, cada corpo mobiliza um conjunto de saberes para, com eles, erguer sentidos sobre a experiência que vive e confluir para a emergência de mundos que dão-se a ver nas performances – seja nas roupas escolhidas, nas movências com o corpo ou no lugar que ocupa no espaço em que ocorre uma festividade – e nas conexões com outros mundos a partir das interações com outros sujeitos.

Nesse rumo, é justo pensarmos um evento festivo como um palco – ou uma cena – matizado(a) tal qual faz Silvia-Rivera Cusicanqui (2018) ao encarar a Rua Illampú, na cidade de La Paz/Bolívia, e conferir que movimentos de diferentes agentes impedem a fotografia única que singularize o espaço e os acontecimentos ali possíveis. Mais do que o uno, Rivera Cusicanqui (2018) nos faz ver o espaço ali focado como múltiplo, atravessado por diversas temporalidades. Trata-se de um gesto para complexificar um lugar em detrimento de uma figuração uniforme e, nisso, tomá-lo como um ambiente transitório e complexo, permeado por negociações constantes praticadas por agentes que atribuem significados distintos ao ambiente e que convivem em aproximações, em fricções e em distanciamentos – tal como pensamos as festas.

Admitir as tramas de conexões possíveis em um acontecimento comungado não diz necessariamente de relações pacíficas. Afinal, diferentes mundos mobilizados em festividades e erguidos por sujeitos podem colidir em meio às disputas simbólicas que (re)afirmam a valia da festa que inventam em detrimento das outras que ali coabitam. Interessa, nessa reflexão, pensar a festa para além do encontro do comum, mas na colisão entre mundos como um ato de confronto marcado pela *afirmação de si* e pela *rejeição ao outro* materializado na emergência de estigmas. Para Goffman (2008), o estigma é uma proposição depreciativa que não fixa-se a dados atributos, uma vez que são possíveis como expressão de uma linguagem de relações. Dessa forma, um estigma emerge como expressão das relações entre sujeitos que se diferem, entre mundos que



colidem para afirmar na negação ao outro a qualidade da própria existência.

Este é, pois, um exercício que se propõe a mirar uma festividade enquanto uma textualidade desarmônica, complexa, múltipla e movediça sob escrituras de muitos corpos que conjugam, a seus modos, mundos de sentidos que ali se articulam e que enredam estigmas como textos performatizados. Reconhecer essas relações é conferir a impossibilidade de conter e aprisionar uma festa em um texto único e conclusivo. Afinal, os diferentes significados ali erguidos admitem a possibilidade de que o mesmo evento, formatado por experiências singulares, ganhe contornos diversos em textos que deixam ver os posicionamentos de quem os vivenciam e os valores sociais que neles emergem.

Assim também originam-se esses escritos, que partem da experiência, das afetações e do testemunho de um dos autores ao vivenciar uma festa *techno*-junina. No texto que se segue e que alterna a primeira pessoa – quando do relato empírico e de campo desse autor – e a terceira pessoa – quando de reflexões realizadas em conjunto e posteriormente ao evento –, pensamos sobre a presença de corporalidades performadas nesse encontro festivo *tecno*-junino a partir das contradições encarnadas ao (vi)ver mundos em colisões e os estigmas sensíveis. Ao pensarmos corpos em comunicação a partir das experiências singulares que embalamos em diálogo neste texto, buscamos mirar o que há de relacional como nos propõe Bruno Leal (2023, p. 35) ao admitir em articulações como essa a possibilidade de alcançarmos dimensões do micro na vida cotidiana, ao fazermos “uma opção pelo fragmento, pelo pequeno, pelo indicial como forma de alcançar questões ou aspectos sociais mais complexos e amplos”.

Apesar das particularidades entre as festividades com músicas eletrônicas produzidas em Belo Horizonte, é comum que elas sejam nomeadas pelo genérico “technozinho”. Transito por elas encontrando mulheres e outras *pocs* que, como eu, frequentam esse circuito festivo em que nos é possível tecer sociabilidades destoantes das normativas impostas aos nossos corpos. A cena construída a partir dessa expressão sonora na cidade mobiliza engajamentos políticos que ressoam discussões sobre redução de danos nos usos de drogas e sobre empoderamento de públicos estigmatizados, como observa Sóstenes Siqueira (2022) ao mirar as relações entre música e território a partir do coletivo Masterplano.

O aniversário de sete anos da Masterplano, realizado em 06 de agosto de 2022, foi um dos primeiros “rolês” de *techno* que frequentei na cidade. Ainda era tarde enquanto o sol queimava a pele e uma balinha fritava a cabeça sob o ritmo frenético de um batidão em meio a um campo de futebol. Aquele lugar, estigmatizado na imagem do chão de terra batida em que homens heterossexuais



exercem performances de masculinidades, diluía-se na medida em que a espacialidade emergia em outros sentidos ao estar envolvida por sons e por corpos descomuns que (re)configuravam o ambiente. Muitas *gays* afeminadas vestiam camisas de clubes de futebol e, ao desmunhecar, os mantos dos times assumiam outros significados. Muitas pessoas, cis e trans, viviam afetos públicos em uma alocação que, naquele momento, foi pensada para receber-nos com dignidade e sem o preço de um ingresso. Mundos ruíram e outros nasceram numa simbiose embalada pela poeira que subia entre danças, toques e outros atos visíveis na arena em que, finalmente, senti ter encontrado um lugar onde poderia estar entre os meus.

Desde então, atendi a vários dos chamados dessa festividade e me abri a conhecer o circuito *techneiro* enredado por outros coletivos que ocupam a cidade. Enquanto escrevíamos este ensaio, aproximava-se da marca de um ano dos primeiros contatos que vivi com a cena de *techno* na cidade. Daqui, em meio ao frio de junho que atravessa estas anotações, sigo embalando meu corpo pela capital de Minas Gerais e o calendário de festividades segue efervescente com programações públicas e privadas até o desfecho junino.

Nesse período, vivi a experiência do Arraial da Trem – iniciado às 22h do dia 10 de junho no Automóvel Clube, localizado na Avenida Afonso Pena – e sequenciado no Museu Mineiro, sediado na Avenida João Pinheiro das 8h às 16h do dia seguinte. Integrei o evento durante toda a programação realizada pela Trembase, denominada no Instagram como um “coletivo mineiro de música eletrônica”. A iniciativa se propôs a um encontro (de mundos?) entre sonoridades atribuídas às festas populares de tradição junina, como o forró, e às produções eletrônicas que dão tônica à festividade por eles proposta.

É nesse *match* curioso provocado pelo cruzamento entre dois tipos de festa que estamos interessados. Nesse encontro de sonoridades, espacialidades, temporalidades e, principalmente, dos corpos que conjuram vida à festa que atentamos olhares às tensões e às disputas simbólicas que permeiam as colisões entre mundos – do *techno* e do forró, dos sintetizadores e da sanfona, do *cropped* e do xadrez, da celebração LGBTQIAPN+ e dos santos católicos, da balinha e da paçoquinha – e a emergência de estigmas cadentes nas relações ali vividas.

Anunciaram 20 horas de festas e não tardou para que o Arraial da Trem se tornasse, no uso popular de engajamentos no Twitter/X e no Instagram, uma *maratona techneira* em razão do tempo prolongado de programação que nos desafiava. A edição junina também se propunha como um balaio em que as sonoridades eletrônicas que constroem a identidade da festividade como o *house*, o *techno*, o *footwork*, o *funk*, o *electro* e o *breakbeat* – segundo informações apontadas na ShotGun,



a plataforma onde se adquire os ingressos – encontram-se com composições, instrumentos e ritmos que (re)montam imaginários sobre experiências tradicionais atribuídas ao nordeste brasileiro e, com isso, o forró sob fortes toadas de sanfona e o coco nas marcações da zabumba estariam em *feat* com os *beeps* da discotecagem, servindo uma produção híbrida entre gêneros.

Esses sons primeiro ganhariam eco noturno no Automóvel Clube, um prédio projetado por Luís Signorelli com estilo eclético e espacialidades inspiradas no Salão de Espelhos do Palácio de Versalhes, em Paris. Com obra concluída em 1929, o espaço era acessível aos “bem-nascidos” da “família tradicional mineira” e produzia um grande baile de gala para debutar as meninas formadas em cursos de etiquetas, como informa o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha) no relatório de patrimonialização do imóvel. Com o raiar do sol, os embalos seguiriam no Museu Mineiro, um casarão do final do século XIX que sediou o Senado Mineiro e, hoje, abriga uma vasta coleção de arte sacra e as mais de 3.500 peças que integram a Pinacoteca do Estado. É com esse arranjo que, comercializada no lote inicial por 55 janjas, a festividade se apresentava aos públicos.

Essas articulações tensionam as montagens e as performances que nos pautamos a praticar com o corpo – essa nossa “estrutura simbólica” que está no centro de toda experiência, segundo Le Breton (2007, p. 29). Shusterman (2012) pensa o corpo como nosso instrumento indispensável, essa ferramenta das ferramentas e esse local que nos perdemos em algum prazer e/ou alguma dor. Com ele, elaboramos e somos elaborados numa dinâmica simbiótica que o posiciona em permanente construção sem fixar-se em uma delimitação comum. Sabia que se tratava de uma festividade duradoura e que as vivências techneiras me eram convidativas ao uso de uma “balinha do coração” para performar o que Anitta e Pablló Vittar (Balinha [...], 2023) propõem na música. Sei que gosto de dançar e, para seguir os embalos desses sons de universos distantes, trajes mais leves seriam essenciais para mover-me sem restrições; contudo, não podiam ser quaisquer roupas. Os repertórios associados a elites econômicas e políticas que modulam os lugares escolhidos cobram uma composição estética mais *classy*⁵. Por outro lado, ainda precisava considerar as temáticas evocadas para uma festa *techno*-junina: a convocatória a um arraial me pede algo despojado como um xadrez básico e um jeans qualquer; e o rolê eletrônico me permite transitar por figurinos mais “audaciosos”. Tinha, no guarda-roupas, um *look* embalado para um *techno* (Figura 1); porém, considerando as tensões dos encontros entre esses elementos, vesti-me para viver a festividade proposta e para conjurar minha festa (Figura 2).

5 Termo recorrente utilizado pelas pessoas que viveram a festividade para designar as características do lugar.





Fig. 1 – *Look embalado*
Fonte: acervo de pesquisa, 2023.



Fig. 2 – *Looks para balada*
Fonte: acervo de pesquisa, 2023

Usava, ainda, uma bolsa lateral que continha minha balinha, meus cartões de crédito e do BHbus⁶, uma manteiga de cacau e muito espaço para guardar a blusa xadrez – que me inseria no imaginário junino – e transitar com um *cropped* – para situar-me num ambiente techneiro. A atenção com a montagem visual dos corpos, apesar de uma característica comum às festividades techneiras, constitui um “aspecto da vida social” para Goffman (2008, p. 12), que observa nas relações entre sujeitos e espacialidades um jogo simbólico que deixa ver as adequações e os estranhamentos, as afirmações de (des)pertença ao dizer de si e do outro mobilizando valores que aceitam e rejeitam determinados corpos e certas performances. Segundo o mesmo autor, a performance é uma espécie de interação face a face que gera uma influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física (Goffman, 2002).

Considerando que se trata de um circuito marcado pela presença de corpos que praticam adesões e rupturas com as performances heterossexuais, podemos pensar que as montações visuais constituem experiências *queer* quando desarticulam os signos de heteronormatividade associados às performances corporais conjugadas em um dado espaço, como aponta Jack Halberstam (2018). Ainda que determinados símbolos estejam intimamente associados a determinadas interpretações

⁶ Sistema integrado de transportes públicos da cidade de Belo Horizonte.



sociais e políticas, quando mobilizados em determinados corpos as dimensões simbólicas alteram-se em razão dessa combinação. Uma camisa xadrez e o universo rural e católico mobilizado pelas festas juninas, quando encarnadas em corpos desviantes, colocam as hegemonias em fracasso ao admitir novas existências, outras significações. A montagem de um corpo para o arraial pode pôr em fracasso as prerrogativas de gênero cobradas pela norma cultural e as etiquetas sociais demandadas por um dado espaço; assim como também pode ressoar essas demandas se a elas responde em adesões. As afirmações de ressonância e de dissonância abrigam mundos em potência embalados pelos corpos que se propõem a conjurar uma festa a partir do convite a que lhes é proposto. Ao recusar os dados normativizados pelo Automóvel Clube e pelo público comum que ali frequenta, um conjunto de experiências *queer* tanto demarcam afirmações de si, quanto colidem com os mundos de sentidos que impregnam aquele lugar.

Ingressei nessa jornada com Ana, uma amiga de Rondônia que conheci no *front* de uma pista de *techno*. Ela é uma mulher cis e heterossexual que largou Engenharia Civil e, agora, estuda Sistemas de Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por atuar como “garota de programas”⁷. Apesar do estigma em que essas festividades são marcadas por homens que beijam outros homens, Ana – e outras amigas – sempre está nelas. É com o estigma de um “rolê para viadinhos” que ela joga sobre ir consciente de que provavelmente não encontrará homens que a beijem.

Quando chegamos no Automóvel Clube, uma dupla de *gays* estava em revista na portaria. Aos meus olhos, ambas praticavam o chamado da maratona: estavam bem-vestidas, com demarcações visuais que incidiam símbolos associados ao junino e ao tecneiro nas roupas e na disposição dos cabelos. Elas portavam ingressos e, enquanto a mais embranquecida passou rapidamente, a outra, mais enegrecida, teve toda a pochete revirada. Acompanhei a situação apreensivo com o que portava em fácil acesso na bolsa e, para surpresa, o que apreenderam do garoto foi um *canetão* usado para desenho artístico em papel de maior gramatura. Os seguranças afirmaram que era proibido entrar com aquele item. Afinal, aquele corpo munido daquela arma poderia disparar ideias como uma bala ressoa de um revólver contra as paredes que um dia sagraram famílias reais de cortes europeias.

O jovem escondeu o *canetão*, um objeto de trabalho, atrás de um dos jarros dispostos na entrada do prédio como condição para acessar o espaço. Na minha vez de ingressar, sequer precisei abrir todos os compartimentos da bolsa. Ambos estávamos bem-vestidos e portávamos ingressos,

7 Nomeação jocosa para atribuir conotação sexual para pessoas que atuam com programação de sistemas computacionais.



contudo, as diferenças raciais que ressoam em nossos corpos mobilizaram os homens negros que atuavam como seguranças a atuar de modos distintos para conferir-nos o poder de acesso – pago, diga-se de passagem. Naquele momento, mundos de sentidos se colidiram e estigmas eram conferidos pela portaria contra o jovem negro, enquanto prestígios me eram possíveis em razão de minha pele embranquecida.

Ainda que mundos de sentidos se expressem em composições que valorizam aspectos diversos da performance, as textualizações sobre si estão disponíveis aos outros agentes que, sob julgamentos, avaliam tais mundos atribuindo valores sob métricas imprecisas que deixam ver as contradições de quem demarca as cisões. Em outras palavras, ao tomarmos o corpo como texto – em aliança com Leal (2006), para quem as interações sociais da vida cotidiana constituem tal texto em transitoriedades –, considerá-lo como uma superfície simbólica que manejamos como uma afirmação de si e que transita sob relações diversas que com/sob ele incide em conjugações que podem destoar do que esperamos e que podem emergir, dentre outras coisas, em estigmas.

No salão, a balada ganha forma com o encontro e a relação entre os corpos que ocupam o espaço. Grupos de afinidades se montam em rodas ou em partilhas ombreadas enquanto dividem o balanço e comungam as festas que elaboram como um ato partilhado. Festas diversas coabitam a pista em sobreposições, em alianças e em disputas que são incalculáveis – por vezes, imperceptíveis. Corpos dançam enquanto outros beijam em aberturas ao que desejam viver, às pontes e aos bloqueios que desejam construir com outros mundos. No jogo de paqueras, olhares se confrontam e dizem muito das adesões e das rejeições a outros corpos sem proferir palavras. Minhas amigas nomeiam por “putyvolta” o percurso embalado pela paquera e, nele, olhares furtivos movem-se encontrando pessoas (des)conhecidas com quem se constroem aberturas para beijar, para conversar ou para ignorar com um nistagmo⁸ que decline sem grande esforço.

As sociabilidades que se dão em meio a essa festividade são expressões das articulações singulares dos diversos atores que ali se cruzam. A presença expressiva de pessoas LGBTQIAPN+ envolvidas pelo mix entre *techno* e forró sob o luxo dos lustres europeus complexifica espaços e tempos e confere dinâmicas de ruptura se considerarmos a presença e as práticas desses perfis ao que se espera e se idealiza desse lugar. Ao deslocar-se da cena de bailes de debutantes para fazer-se pista onde ocorrem putyvoltas, conferem-se aspectos de uma “cultura *queer*”, nos termos de Jack Halberstam (2018, p. 77), ao discutir atos de “substituição” como emergência de rupturas, de transições, de colisões que permitem o devir de mundos que desassemelham à estrutura social.

⁸ Movimento circular dos olhos.



Numa putyvolta mascarando bala, os corpos são lidos e as movências performadas em conjunto com as espacialidades, as temporalidades, as sonoridades que tensionam a festa que enreda um outro a quem conferimos valor. Uma festa a partir do corpo em movimento é lida e, com ela, tomamos posições que revelam nossas perspectivas de aliança e de colisão com mundos de sentidos enquanto configuramos nossa própria festa. Somos também lidos, é importante notar. Na putyvolta, julgamos e somos julgados. Por vezes, conhecemos bem a festa que visualizamos e o mundo de sentidos conferido por um dado corpo quando acionamos um repertório de experiências vividas anteriormente; em outras situações, um desconhecido é tomado a partir da roda com quem partilha a festa, das relações que o acompanham. Como nos lembra Goffman (2008, p. 57-58), “a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são”, (des)organizando as relações entre mundos a que nos propomos ao pesarmos as valorações que atribuímos a uma roda para, na colisão entre mundos, conferirmos um estigma a alguém que desconhecemos – mas que nos posicionamos enquanto o baile segue!

Ainda que a festa seja marcada pela presença de pessoas que instabilizam performances hegemônicas ao espaço em que ocorre, as opressões que marcam as trajetórias de cada corpo não anulam as colisões entre mundos. Enquanto a dissidência à normativa católica pode ser algo que faça aproximar muitas das festas naquela pista, questões raciais, sociais, geográficas, performáticas, de classe e de gênero e sexualidade podem gerar distanciamentos e promover estigmas entre sujeitos oprimidos, demarcando (des)apreciações aos corpos que se relacionam publicamente, àquelas que podem integrar uma mesma roda ou com quem os diferentes corpos ali se propõem a tecer afetos.

Não é porque corpos LGBTQIAPN+ se encontram e praticam rupturas em confrontos com a historicidade do espaço que dinâmicas de aliança se dão de modo partilhado, de modo automático. Cada mundo de sentidos, ao demarcar uma afirmação de si, abre-se aos outros que o leem e valoram a possibilidade de constituir relações travando a festividade numa trama complexa enredada em laços de qualidades distintas e que desmontam a pretensa homogeneidade na aliança entre corpos que beijam e que amam. Dentro de uma grande festa, há várias pequenas festas, e cada micro festa pode fazer colidir – em harmonia ou desarmonia – diferentes mundos.

São 8h da manhã e faz um domingo ensolarado quando abrem-se as portas do Museu Mineiro. Acompanhado de Ana e de Pedro – um homem cis heterossexual com quem ela dividiu a festa – encontramos o lugar ambientado com um *set de house* e não nos furtamos de jogar o corpo na grama ainda úmida para curtir o som, o calor e um “verdinho” que bolei para esse momento.



Lá estavam pessoas que tinham vivido a programação noturna e outras que iam chegando com a abertura dos portões do museu. As performances trajadas nos movimentos e nas montagens visuais denunciavam quem tinha vivido 10h de maratona tecneira e quem tinha acabado de sair da cama.

Dentre os novos mundos que se engrenaram na festividade, notamos um casal heterossexual que aparentava-nos ter entre 50 e 60 anos ingressar no espaço. Eles entraram no museu, nos olharam avaliando o que acontecia e, logo em seguida, saíram dali. Ambos trajavam roupas esportivas e, após a caminhada matinal rotineira, parecia-nos que recorreram ao museu para ver a exposição inédita: viados, sapatões, travestis e outras figuras para eles (des)conhecidas que estavam em exposição sob um som inebriante e um sol delirante.

Nossos mundos se colidiram de modo acalorado e, ainda que rapidamente, os estigmas que emergiam em nós e neles afloraram os rostos expressando o incômodo com a postura do outro ante ao que se espera do lugar, do momento. O casal heterossexual esperava uma experiência tranquila em uma visita dominical ao museu de artes sacras que acolhe Jesus e Maria; nós queríamos lançar nossos corpos ao sol no êxtase movente que nos alcança como uma rocha atirada por uma baladeira a descer-nos a garganta. O silêncio e a velocidade dessa colisão não reduzem os estigmas que ali tomam forma nas expressões faciais e nos movimentos praticados em meio ao que ocorria no museu e, assim, valorizam o corpo como texto transitório e sob relações constantes que ecoam sentidos em detrimento de uma cultura verborrágica.

O caso narrado não foi a única cena em que casais heterossexuais ingressavam, avaliavam e se retiravam, figurando expressões de desprezo às festas que ali aconteciam. Miravam-nos com olhos armados que disparam uma bala contra nossos corpos e, diferente do jovem com o canetão, estes eram aceitos sem restrições. A repetição dessa situação reforçava a sensação de pertencer à coleção do museu, de ser parte de uma exposição sob apreciação. Em um museu, acolhe-se o singular a fim de mantê-lo visível à uma cultura do comum. O museu demarca o que já não pertence à norma, estabelece os signos do “outro” que não integram esse tempo e, ao serem contrapostos aos contemporâneos, são refeitos no presente como uma anacronia: nele se insere enquanto dele é rejeitado. Como um texto memorável, um museu é uma proposição de sentidos que arquiva um modo de narrar acontecimentos sob o julgo dos valores hegemônicos como discute Diana Taylor (2013) ao questionar essas relações ante à instabilidade dos processos memoráveis.

Em uma dessas passagens, uma idosa embranquecida e desacompanhada realizou os ritos de seus comunais. Entrou com a pompa de um museu: trajava uma calça azul-marinho com grandes bolas brancas do mesmo tecido a cobrir-lhe a cabeça, uma blusa polo da cor da calça, com inscrições de um cavalinho no lado esquerdo do peito aliado às inscrições “USA”, usava óculos de



lentes redondas com coloração violeta e um saltinho plataforma. O nariz empinado seguiu abrindo caminhos contra os mundos que colidiram com aquele corpo até encontrar uma das trabalhadoras da festa, a quem a mulher se reportou para questionar quando a cantora iniciaria seu ato. A demanda por uma construção sonora marcada pela presença da voz soava no questionamento como um critério para tomar aqueles sons como “música” e, com isso, considerar que aquilo poderia vir a ser uma festa. O estigma que recai sobre as sonoridades demarca não só as percepções por ela partilhadas, mas afirmações do que ela percebe como justo de figurar aquele lugar e do que ela associa ao imaginário junino que ali pode habitar. O rosto se vertia em ojeriza ao ato e aos corpos e, isolada em um dos mirantes ao pátio do museu, observava de longe aqueles que ela tratava como balaque, enquanto performava descontentamentos e lançava pequenas interjeições que notara pelos frígidos movimentos labiais. Ao observá-la como quem assiste um *show* de horrores, também versava meus próprios estigmas ao figurar toda uma *fanfic*⁹ para aquele corpo de uma mulher que ostenta e que rejeita o que dela se distancia.

O segurança ao barrar um jovem enegrecido com um canetão, os olhares furtivos entre os praticantes de uma putyvolta e as miradas contra os corpos (in)dignos ao ocupar o museu são imagens em que distintos mundos colidem e estigmas emergem na afirmação de si e rejeição ao outro. Em que pesem as particularidades contextuais de cada situação e as tramas repertoriais que as configuram, é justo notar como os estigmas que insurgem demarcam diferenças destituindo a humanidade. Goffman (2008, p. 15) nos propõe que estigmas reduzem “as chances de vida” ao tolher aos outros o que pode ser exercido, conferindo para si tais privilégios. Butler (2015) parece ir na mesma direção ao sugerir que não se deve pedir que o outro diga, final ou definitivamente, quem é; segundo ela, quando deixamos que essa pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver (Butler, 2015).

Ao demarcar mundos de sentidos na *afirmação de si* e na *rejeição ao outro*, encontramos pistas das normativizações e das rupturas que emergem em performances e em articulações entre experiências. É possível, nesses enlacs, pôr mundos em fracasso a partir de uma transgressão *queer*, como nos convida Halberstam (2018), ao ruir mundos da ordem nos passos desviantes de um corpo que dança e que embala desejos; ao passo em que os julgamentos podem fracassar-nos direitos e tolher-nos das possibilidades de viver nossas festas em razão dos estigmas associados a determinadas posturas fracassantes.

9 Relacionado ao termo “*fan fiction*”, possui uso social atribuído às inventividades narrativas a partir de um conjunto impreciso de pistas.



A coexistência de festas distintas em meio a uma pista festiva compartilhada é uma imagem potente para mirarmos os mundos em conexão, em fricção. A mobilidade da sala de dança em meio às festas que se aliam e que colidem nos deixam apreender pistas sobre a emergência de estigmas como um processo cotidiano e que modula-se de modos particulares a cada realidade, a cada dinâmica – e por que não dizer: a cada festa. Deslocar a pista festiva de uma figuração única para admiti-la em instabilidade nos mundos que ali habitam e nos estigmas que ali se instauram constituiu, aqui, uma experiência para volver o cotidiano em catástrofe, isto é, em detrimento do superficial de uma imagem coesa e comunal, mirar as outras dimensões que ali existem admitindo a possibilidade de que o já sabido possa deslocar-se frente ao que podemos vir a (des)conhecer como nos propõem Macêdo e Leal (2023).

Estigmas, ainda que versados em silêncio, são violentos. Eles cerceiam a vida em potência, recusando-a para dados corpos e oferecendo-a para outros. Tanto no macro dos ornamentos de poderes que regulam acessos de corpos e de músicas a dados espaços, quanto no micro das conexões entre mundos, os estigmas emergem em composições processuais a partir dos corpos em relação e das tensões configuradas com outros agentes – nesse caso, fortemente marcados pelo peso das espacialidades, das temporalidades, das sonoridades e da festividade que atuavam nesses encontros. Este texto, por fim, não é um diagnóstico e tampouco pretende-se a explicar como ou porque tais estigmas emergem e perduram. Parte de um esforço para pensar a partir da experiência, ler essas relações entre mundos e os estigmas emergentes convocam as contradições embaladas e encarnadas em incômodos – seja ao viver uma festividade e erguer uma festa, seja ao valer-se de repertórios para com elas travar discussões. Com isso, estes escritos não são conclusivos e partilha diálogos embalados por incômodos como um convite, como uma abertura para partilha de outras versões e percepções.

Referências

BALINHA de coração. Intérpretes: Pablló Vittar, Anitta. Compositores variados. *In*: NOITADA. Intéprete: Pablló Vittar *et al.* Compositores variados. Rio de Janeiro: Sony Music Brasil, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/317guSk8yRLenAYRQuWGoH>. Acesso em: 17 jun. 2023.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*: crítica da violência estética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CUSICANQUI, Sílvia Rivera. *Un mundo ch'xi es posible*: ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018 (Colección



Nociones Comunes).

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

HALBERSTAM, Jack. *El arte queer del fracaso*. Barcelona: Ed. Egales, 2018.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEAL, Bruno Souza. Do corpo como texto: na mídia, na rua. *Fronteiras: estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 144-151, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6128>. Acesso em: 22 mai. 2004.

LEAL, Bruno Souza; MACÊDO, Daniel. “Dar fé” à catástrofe cotidiana: a multidimensionalidade dos acontecimentos. *E-Compós*, Brasília, DF, v. 27, 2023. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2680>. Acesso em: 22 mai. 2004.

LEAL, Bruno Souza. Notas sobre comunicação e experiência e suas implicações metodológicas. In: LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos (org.). *Teorias da comunicação e experiência: aproximações*. Cachoeirinha: Fi, 2023. p. 15-38. (Série Comunicação, discursos e experiências).

SHUSTERMAN, Richard. *Thinking through the body: essays in somaesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SIQUEIRA, Sóstenes Reis. *Masterplano e redes de mediações: a festa de música eletrônica na pandemia de Covid-19*. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/16371>. Acesso em: 22 mai. 2004.

SILVA, Rafael Andrade de Oliveira e. *Festa como política de vida: da sobrevivência pandêmica à prática cotidiana para um bem-viver*. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/57060>. Acesso em: 22 mai. 2004.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

